

Revista
escrito&descrito
No. 1, Vol. 2, 2025. (reedição)
Transubstanciação da Paisagem Poética

10.00 transsubstanciação da paisagem poética.

11.00 Juiz que é criado, criado de forma diferente,

12.00 especulado, místico e incomprendido faz parte

13.00 de um processo de transformação, na qual

14.00 entende-se por arte. que é mudança. é
transformação. pura substância em transformação.

15.00 Mas só tanto se arte precisa de uma paisagem.

16.00 em lugar, um estado, um desejo, e quando

17.00 essa paisagem transforma com a arte, temos como

18.00 produto a linguagem específica. pura identidade

19.00 pura ressonância do eu. para mim

2 Transsubstanciação da Paisagem Poética

REVISTA ESCRITO & DESCRITO

A revista Escrito & Descrito é uma **revista independente do Agreste pernambucano** que publica artistas visuais e escritores de todo o Brasil. O propósito da revista é publicar artistas independentes, majoritariamente, LGBTQIAPN+, pessoas negras, pardas ou indígenas, pessoas com deficiência, estudantes, e/ou pessoas de baixa renda, principalmente residentes da região nordeste.

A revista aceita artes visuais inovadoras e poemas curtos que explorem narrativas e filosofias que fazem parte da cultura, cotidiano e composição social brasileira. As publicações são de acesso livre e aberto por meio da plataforma Calaméo e disponibilizadas em drive para os leitores fazerem o download do material em PDF.

A linha editorial da revista é destinada a tornar o espaço artístico-literário mais coletivo e democrático. Priorizando trabalhos que conversem com a atualidade e com a estética da revista voltada à inclusão, à diversidade e ao amor pela arte brasileira/ pernambucana.

Editor-chefe: Matheus Fernando (Mathenovê)

Endereço: Bairro Kennedy, Caruaru, Pernambuco.

Idioma: português

Portal de publicação: Calaméo

Nível de conteúdo: divulgação

Tipo de suporte físico: On-line e impresso

Periodicidade: Trimestral

EXPEDIENTE

Organizador Matheus Fernando (Mathenovê)

Editor adjunto João Luiz (JoãoB01)

Curadoria Matheus Fernando (Mathenovê)

Conselho Mariana de Lima Silva

Joebson José da Silva

Segunda capa Mathenovê

contatos

E-mail | revistaescritodescrito@gmail.com

(81)99455-9247

@revistaescritodescrito

REVISTA

Editorial No. 1, Vol. 2

ESCRITO
DESCRITO

&

Sumário

- 10 Ofélia Frantumare
16 Iris Marcolino*
22 Thalyta Monteiro
24 José Jorge (José)
26 Jane Azevedo*
28 Mateus Ruas
30 Elidiomar Ribeiro
32 Rafael Vaz
34 Mariana Marques

- 36 Maria das Nuvens
38 Lorena Falcão
40 Aline Silva (Mashiro)
42 João Inácio
44 Histérica
46 Pombo
48 Charlotte Borges

- 52 Ubertam Santos
53 Igor dos Santos Mota
54 Paulo Brás
55 Liana Timm
56 Andreia Santos
57 Hidelbrando Lino
58 José Jorge (José)
59 Beatriz Vilela
60 Judi Olli
61 Regiane Teixeira Marcos
62 Manu Monteiro
63 Iteuane Casagrande
64 Sílvia Henriques
65 Lucas Perit

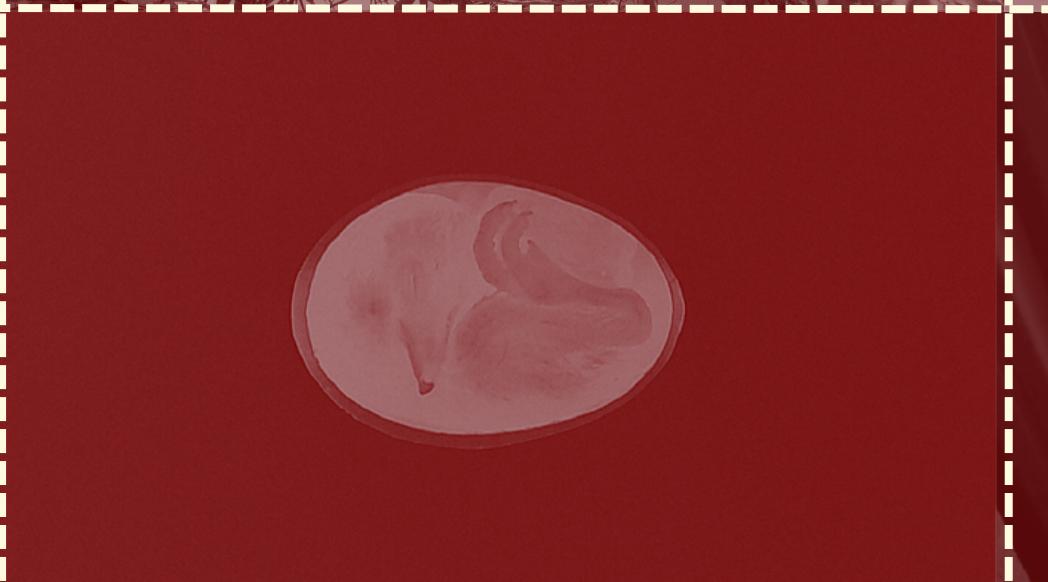
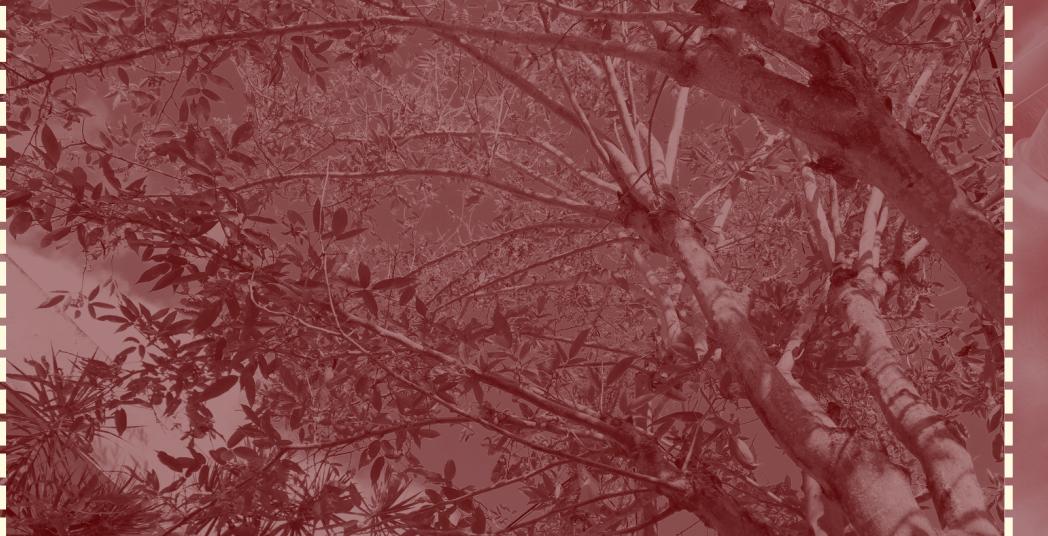
- 66 Pedro Albuquerque
67 Duda Junqueira
68 Jane Pinheiro
69 Jade Rossoni
70 Priscila Trindade de Aguiar
71 Fernanda Luiza
72 Vitória de Jesus Leandro
73 Jacqueline de Campos
74 Elidiomar Ribeiro
75 Rafael Guillermo Salles
76 Ser Imenso
77 Eduardo Silva
78 Lúcia Centeno
79 Emanuella Forte

*artistas convidadas



Transubstanciação da Paisagem Poética

8 Transubstanciação da Paisagem Poética



reedição

Revista Escrito & Descrito, No. 1, Vol. 2 9

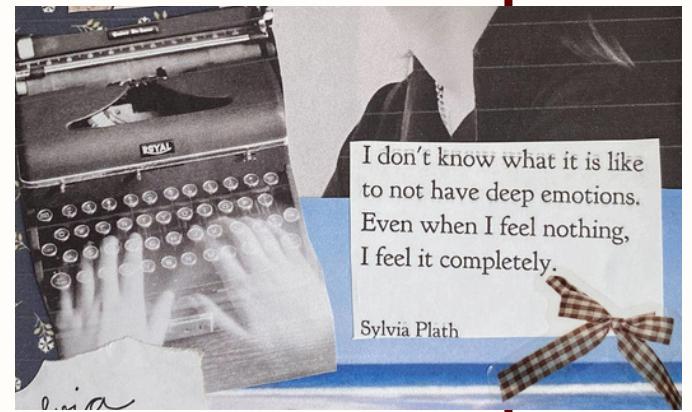
Ofélia Frantumare na Revista Escrito & Descrito

Artes visuais também por conta da artista (2024)



Mathenové: Quem é Ofélia Frantumare?

Ofélia: Ela representa todas as minhas perguntas. Ofélia é uma pergunta por si só, a pergunto muitas coisas através de seu corpo e ela transmite o intransmissível de mim, ela é um grande pedaço que se sobressaiu de meu corpo quando me desmembrei, fazendo uma ode a todas as mulheres que minha esfera corpórea habitou. O seu nome vem de Shakspeare, da tragédia "Hamlet", ali Ofélia foi um corpo de uma personagem feminina que foi atravessada e moldada fatalmente por narrativas que a corromperam, narrativas masculinas, não suas. Tenho em mim muitas tragédias, histórias e romances que se traduzem por minha Ofélia, ela se comunica com meus pedaços e capta pela memória o que restou do tempo, se diz por uma palavra única e quebrada. Seu sobrenome, "Frantumare" vem do italiano e significa "esmagar", "quebrar", é um verbo. Desse verbo me faço carne e consigo me comunicar com todos os meus pedaços perdidos, que se ligam a memórias e delas vêm sentidos e verdades que reverberam em mim para além do tempo, sou essencialmente quebrada. Ofélia é quebrada e transita por todos os meus portais, ela é livre para divagar e resgatar o que pulsa em mim pela grafia, me deixa em carne viva, me esmaga com meu próprio sentido para que minha vida tenha um novo significado. Ofélia Frantumare é metonímia, objeto ausente, fantasmagórico, Ofélia não é um personagem, não sou ela, ela é eu.



Matheus: Como você percebe o papel do inconsciente no seu processo de escrita?

Ofélia: Essa pergunta me toca profundamente. Meu inconsciente é como uma casa antiga que resido nela para sempre, essa casa existe e sempre existirá independente do tempo e de mim, ela tem várias portas, janelas, escadas, buracos, paredes mofadas, objetos espalhados e velhos, restos mortais, quartos vazios, quartos trancados. Ela é uma casa plástica que a qualquer momento outra porta abre. Sonho muito com elementos de casa, porta, corredores, não sei exatamente por quê e nem como uso essa metáfora de casa para falar do meu inconsciente. Ele é nostálgico, estupefato, visceral, grafia própria. Eu transito como uma alma por dentro da casa e por entre paredes das paredes. Nunca sairei dessa casa.

Matheus: Por que escrever? Por que as colagens?

Ofélia: Escrevo numa tentativa de resgatar tudo o que de intensamente uma outra, outras, versões de mim pulsaram e pulsam. Ver em mim a passagem do tempo, até de entender meus próprios porquês. Escrevo por coragem e por recordação, para não me esquecer. Tenho diários antigos desde meus 12 anos, eu sempre fui sensível e eletrizada por meus próprios pensamentos, escrevia em segredo, mas eram segredos tão secretos que não me contei e até hoje alguns não me contei, como um pacto sagrado, mas esses segredos verdadeiros perpetuam em mim até hoje mesmo sem dizerlos e eles são quem eu sou. Se escrevo por esse corpo, é porque sou o que sou, porque lembrei-me dela. O tempo apaga vozes, letras, o que fica é sempre a marca da grafia do lápis no papel e nunca se dá nem para saber o que se passou na minha mente, na de quem escreveu e me bate uma melancolia, um arrependimento. E é o que eu vejo nos meus diários antigos ou de diários que nem sequer existiriam, queria entender porque não escrevi um pedaço de minha história, somos sempre uma história feia, maldita e mal vivida, preciso escrever para me rasgar com minha própria verdade. Escrevo em diários para me ver sendo, e me apagando de uma falsa escrita e pensamento ao longo do tempo, para que depois eu leia um pedaço vivo de memória que se eternizou. Me contradigo sempre, quero escrever, mas não quero. Não quero algo que me barre ou que o externo me furte. Minha escrita continua sendo secreta, mas um segredo que não me tocam, me furtam ou julgam.

É um segredo de minha esfera e somente meu, sempre existe um ocultamento entre letras no que diz ao que estou fazendo de mim, com minha vida e meu desejo, é um apagamento para o mundo e uma descoberta do que está por dentro de mim. Não quero falar de mim para ninguém. E quanto as colagens, transfiguro em imagens, cortes e pedaços de cores do papel o efeito de meus sentimentos, formação de conceitos e ideias sobre algo de mim, de versões anteriores, como amor, sexualidade, desejo e de impressões que ficam em mim quando leio ou consumo a arte de quem me interessa. É uma construção subliminar que me leva a escolher e montar cada corte e imagem, todas elas ficam guardadas em meus diários.

Matheus: Ofélia, recomenda para os leitores da revista escrito 03 livros importantes para você.

Ofélia: Todos esses livros têm marcas mais profundas que tatuagem dentro da minha alma.

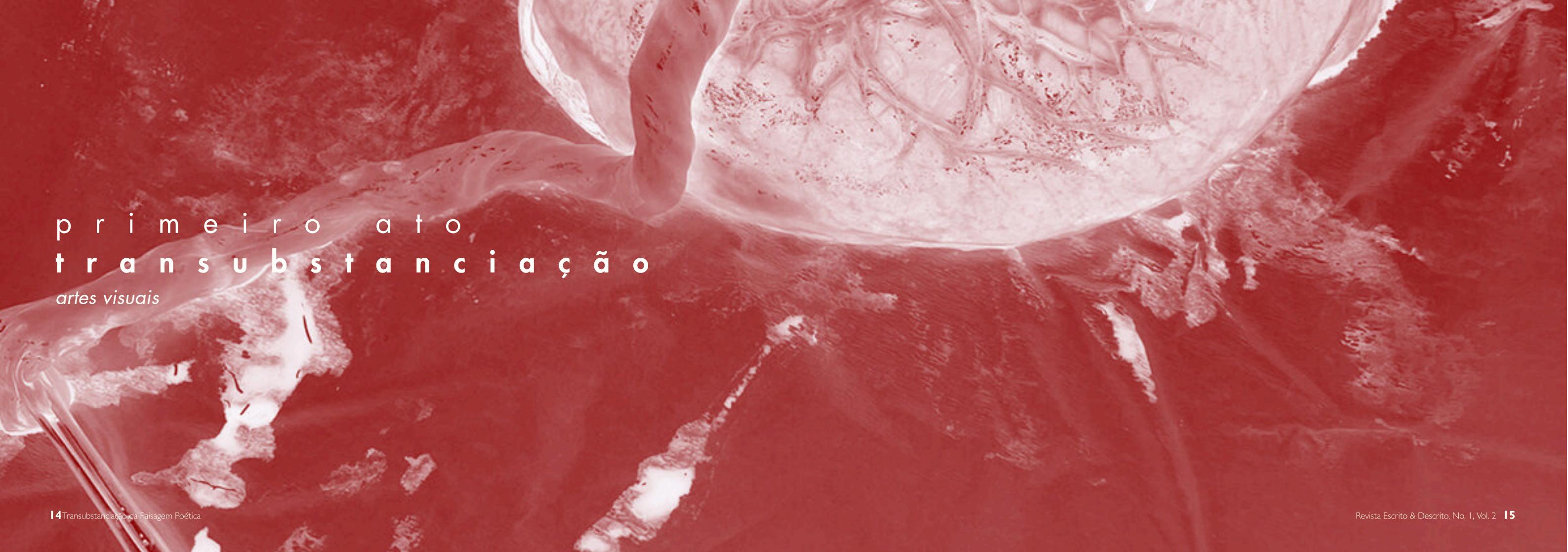
Gosto de ler livros em que cada palavra me atravesse como corte de um punhal pontiagudo no coração.

- 1 – “Um sopro de vida”. – Clarice Lispector
- 2- “Tetralogia: A amiga Genial”. – Elena Ferrante
- 3- “O anatomoista”. – Frederic Andahazi

De bônus: “La Frantumaglia” – Elena ferrante
“Os anos”. – Annie Ernaux

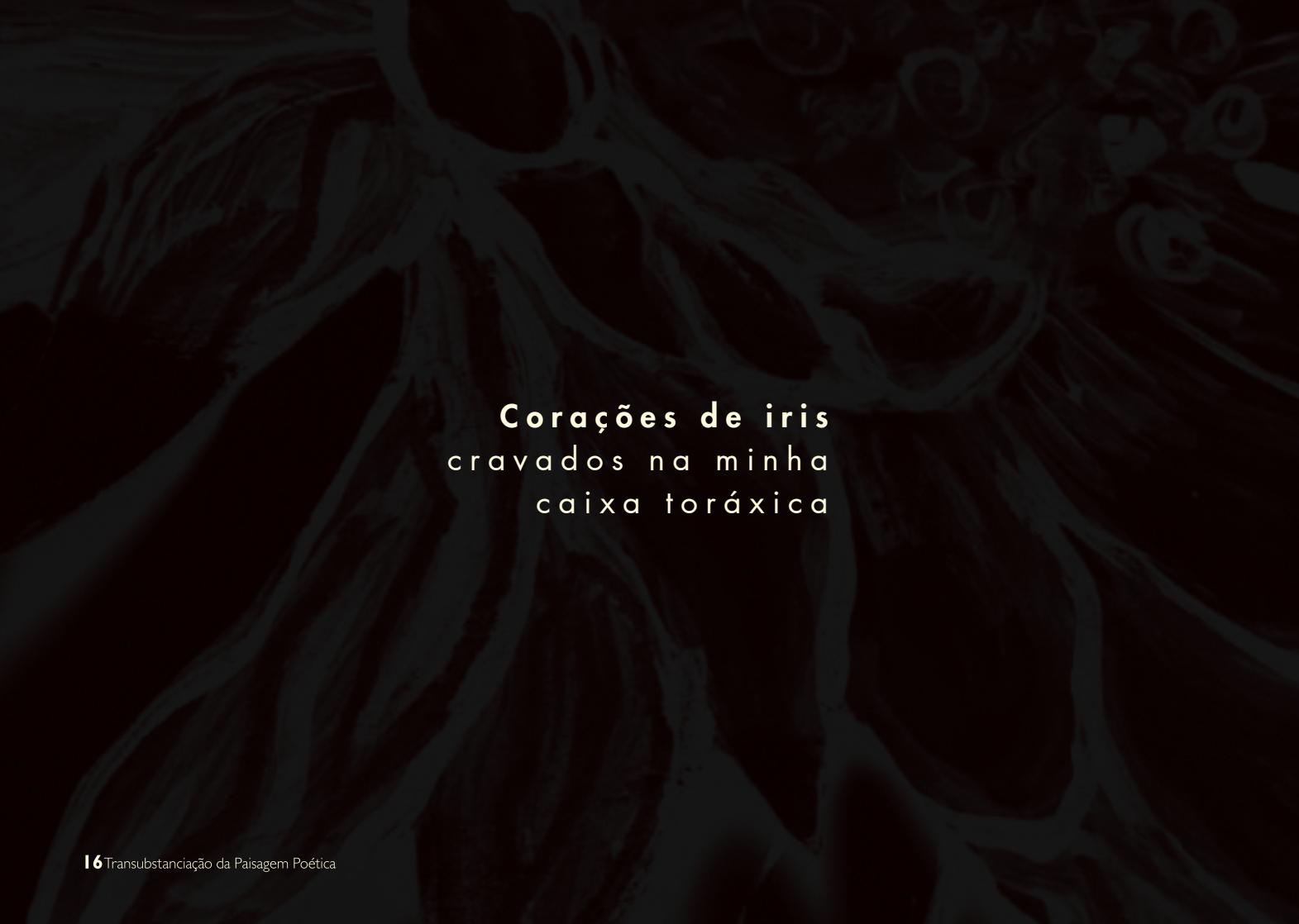


leia a entrevista completa
no nosso Medium:
[@revistaescritodescrito](#)

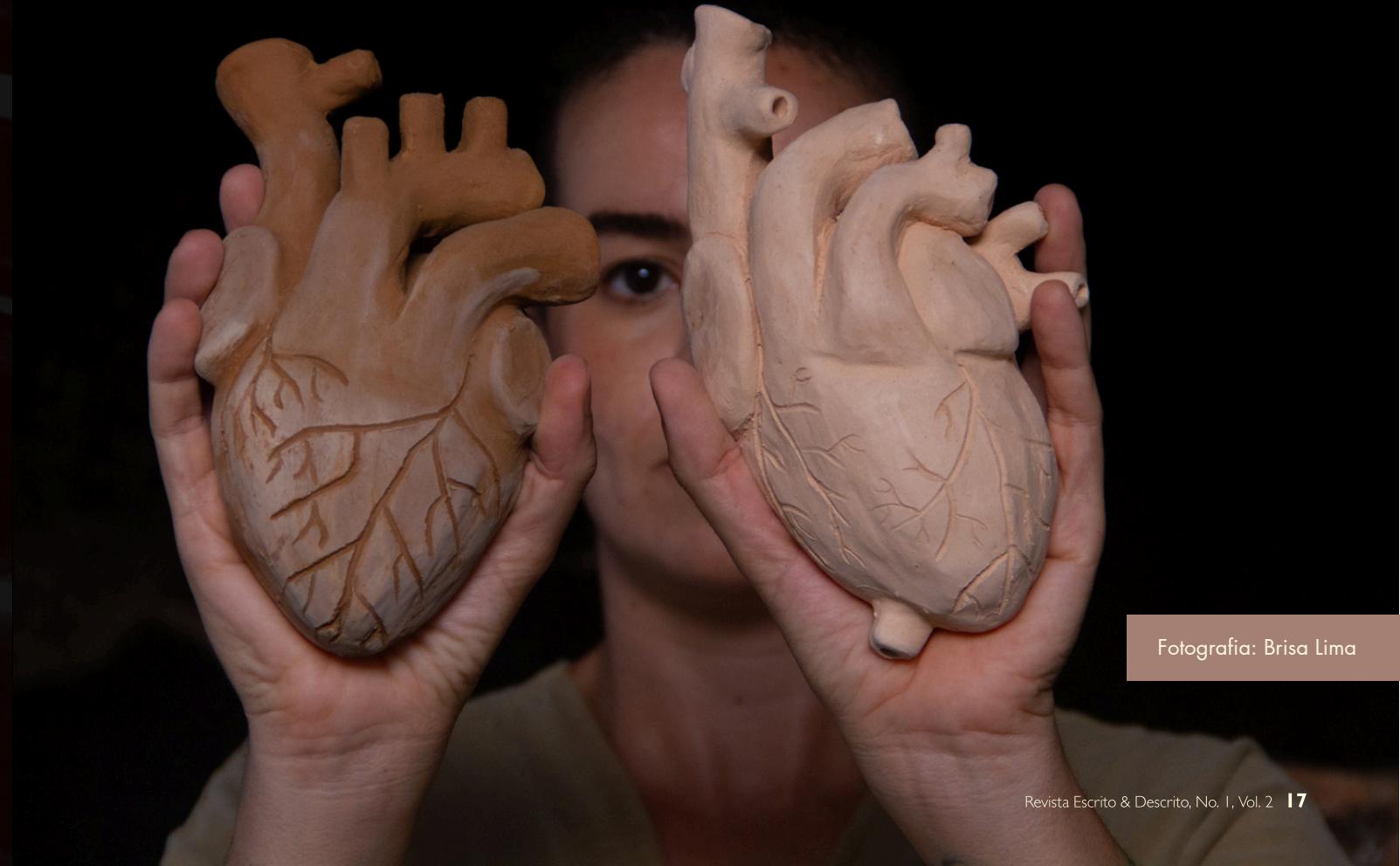


p r i m e i r o a t o
t r a n s u b s t a n c i a ç ã o

artes visuais



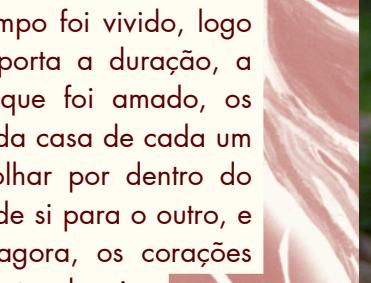
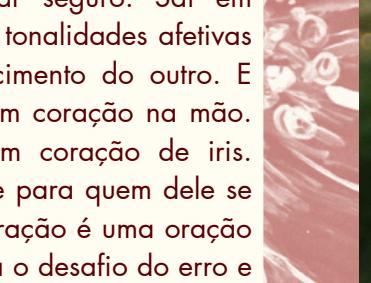
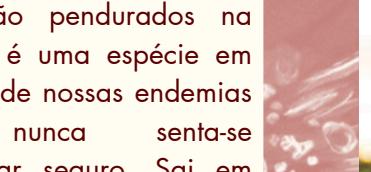
**Corações de iris
cravados na minha
caixa toráxica**



Fotografia: Brisa Lima

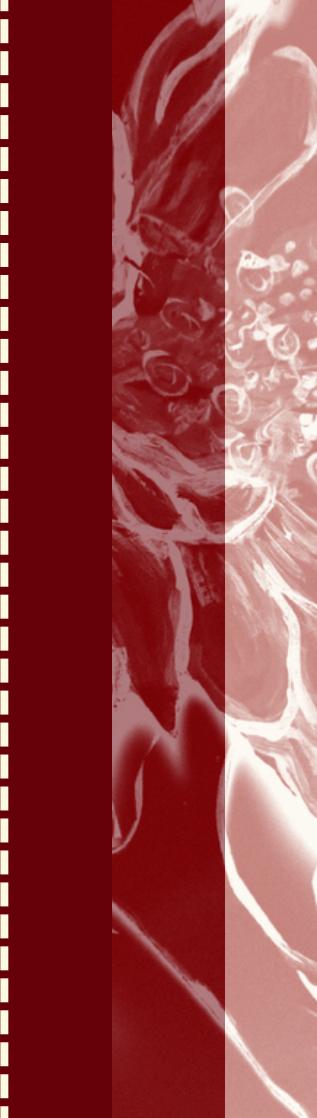


"Os corações são
uma bússola
cravada em nossa
caixa torácica."



Nunca estão parados, senão pendurados na parede de casa. O coração é uma espécie em extinção. Desvela uma a uma de nossas endemias sentimentais, portanto nunca senta-se confortavelmente em um lugar seguro. Sai em busca do mar de dentro. Suas tonalidades afetivas dilatam todo o nosso abastecimento do outro. E então, caímos sozinhos com um coração na mão. Nunca é fácil pertencer a um coração de iris. Cada coração reza uma prece para quem dele se encanta, sendo assim cada coração é uma oração ao tempo. Sua estrutura encara o desafio do erro e da tragédia. "Tudo em seu tempo foi vivido, logo já está consumado." Não importa a duração, a divisão ou a identidade do que foi amado, os corações de iris é um pedaço da casa de cada um dentro do amor maior. Um olhar por dentro do olhar. Um desejo de encontro de si para o outro, e para o mundo. No aqui e agora, os corações passeiam nos mundos cá de dentro de mim.





Iris Marcolino

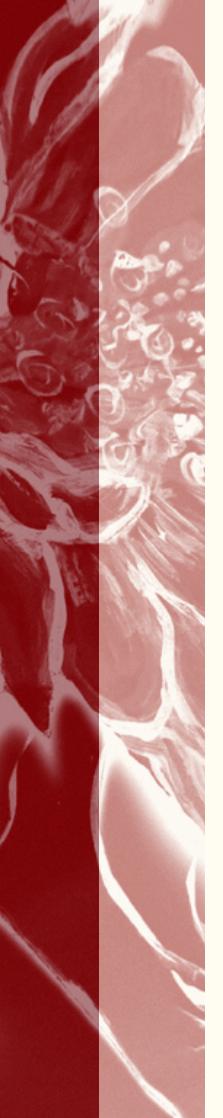
@coracoesdeiris

Artesã do Alto do Moura em Caruaru-PE. Conhecida por fazer belos corações de barro.

**“Meus corações são pedacinhos
de mim, do meu eu e de você.”**



22 Transubstanciação da Paisagem Poética



Revista Escrito & Descrito, No. 1, Vol. 2 23

Thalyta Monteiro
@ythamonteiro

Artista visual e arte educadora, nasci em 1995 na cidade de Belo Jardim, agreste de Pernambuco, onde atualmente resido. Técnica em Artes Visuais pelo IFPE- Instituto Federal de Pernambuco (2018). Caminho por linguagens diversas, como Pintura, instalações e fotoperformance, experimentando formas figurativas, abstratas e orgânicas, em minhas criações.

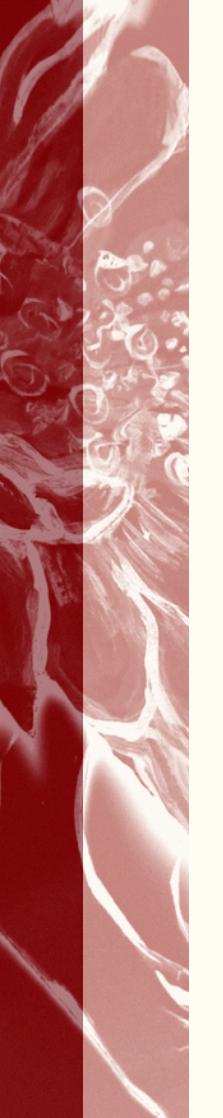
“A fotoperformance Reatar, foi realizada a partir da feitura de uma roupa com raízes de plantas que tomaram uma antiga ruína no centro da cidade em que moro, refletiu sobre tempo e resistência artística num território improprio ou dito “seco” de identidade, apontando também, diretamente questões como invisibilidade e memória.”

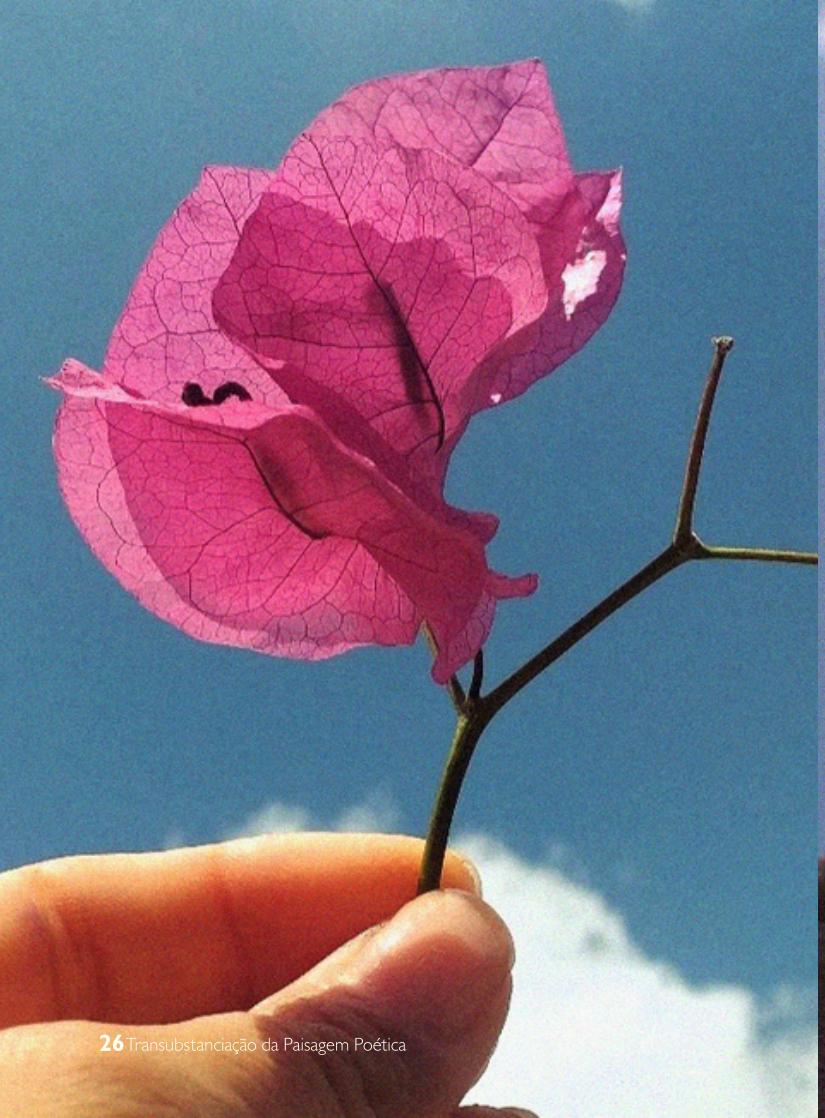
José

@jorgeee_almeida

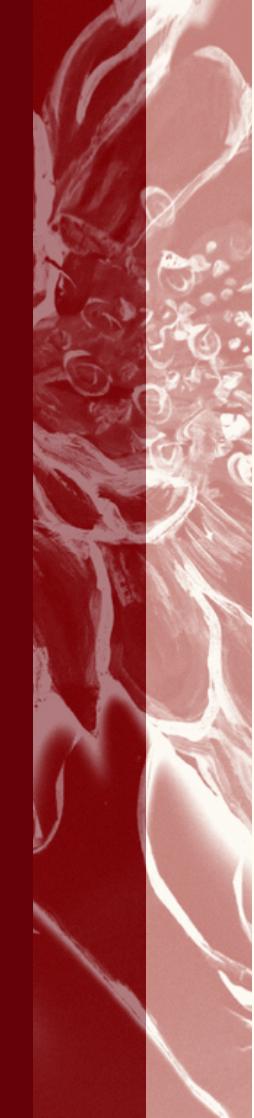
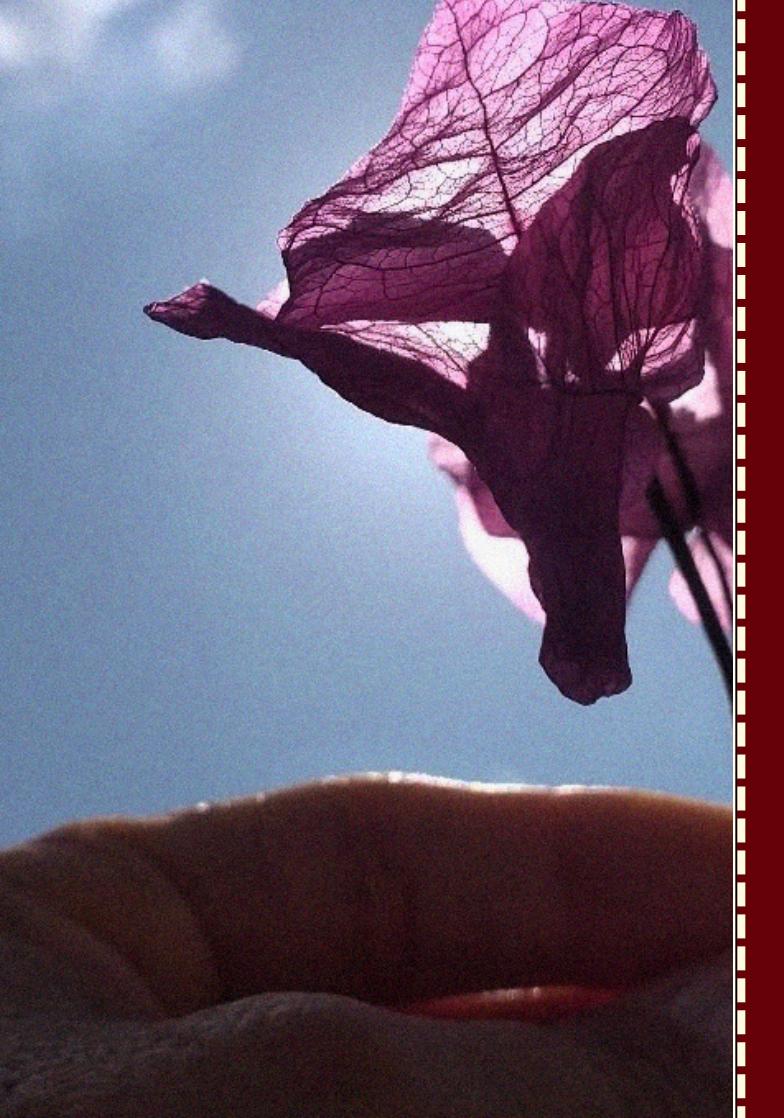
É estudante, professor, aprendiz, amigo, irmão, filho, ouvinte, orientador, avaliador, pesquisador, leitor entre outras atribuições. Atualmente faz mestrado em Química com foco em produtos naturais, mas tem interesse de pesquisa na formação docente, em radiação ionizante, e na pesquisar por inseticidas naturais.

“Quando lutamos, conseguimos florescer na adversidades, e, quando nos permitirmos conseguirmos observar a beleza ao nosso redor. Acredito que se enquadra no edital, pois a arte está nos olhos de quem ver. Depende da visão de mundo de cada um.”





26 Transubstanciação da Paisagem Poética



Revista Escrito & Descrito, No. 1, Vol. 2 27

Jane Azevedo
[@jane_azevedoo](https://www.instagram.com/jane_azevedoo)

Já foi vendedora e artesã. Jane mora em Caruaru-PE e tem uma relação bem carinhosa com a arte, gosta de tirar fotos da natureza e é uma admiradora da arte e da cultura de Caruaru. Jane é mãe do artista Mathenovê.

Mateus Ruas

@matsmelo

Nasceu no Brasil em 1995, vive em Portugal desde de 2004. Sempre um grande amante da literatura, especialmente da poesia. Aspirante a fotógrafo desde pequeno, com especial paixão pela fotografia analógica. Tem como inspiração os seus três gatos.

“Minha fotografia busca constantemente a identidade do sujeito, através de molduras e reflexos. Cada imagem captura a transformação do eu, tu ou nós, num território onde o visível e o invisível se encontram e se revelam.”



Morte e Vida Severina

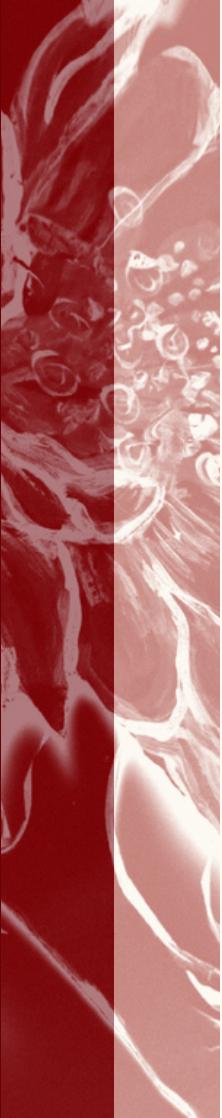


30 Transubstancialão da Paisagem Poética

Texturas urbanas



Revista Escrito & Descrito, No. 1, Vol. 2 31



Elidiomar Ribeiro

@elidiomar.ribeiro

Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo, mestre e doutor pela UFRJ. Professor e pesquisador da UNIRIO, desenvolve projetos de pesquisa e extensão relacionados à zoologia cultural. É criador e organizador do Colóquio de Zoologia Cultural e da Mostra de Biologia Cultural, editor-adjunto da revista A Bruxa, editor do zine Homem-Leoa, colunista do portal Fauna News e integrante do podcast Silvestres.

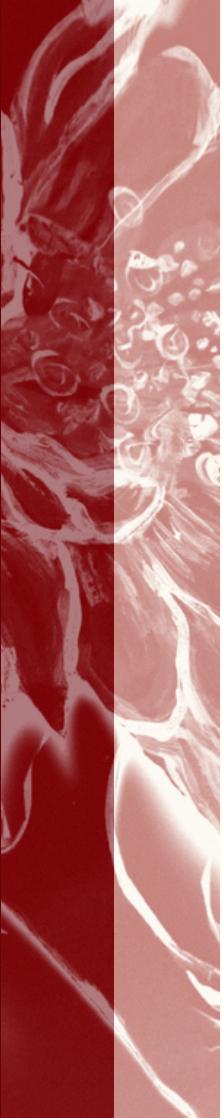
“Fotografia é a captura de um instantâneo. Porém, quase sempre esquecemos que toda foto tem um antes e um depois. Lidando com “abstrações concretas” como tempo e morte, as fotos enviadas conversam também com a paisagem de cada um. Para o bem e para o mal.”

Rafael Vaz (Altamira, 1992), é formado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás e reside em Goiânia há 15 anos, começou recitando poesias nos Sarau da cidade de Goiânia para logo após transformá-las em lambe-lambes pelos muros, através do vulgo ASMA - A Sociedade do Maior Abandonado. Na rua passei a registrar o que via, ouvia e sentia, e no meu trabalho passei a transformar escutas e vivências em poemas.

“As colagens analógicas que produzo partem de um exercício dadaísta, que seleciono imagens e reconstruo através do elementos novas imagens, com palavras e recortes de revistas. Um mundo recriado que não está preocupado com o padrão, mas que busca constantemente a experimentação.”



32 Transubstanciação da Paisagem Poética



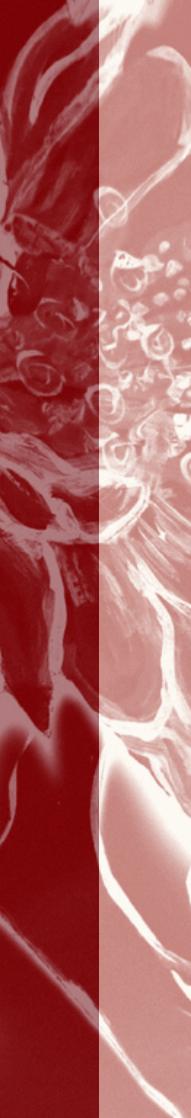
Revista Escrito & Descrito, No. 1, Vol. 2 33

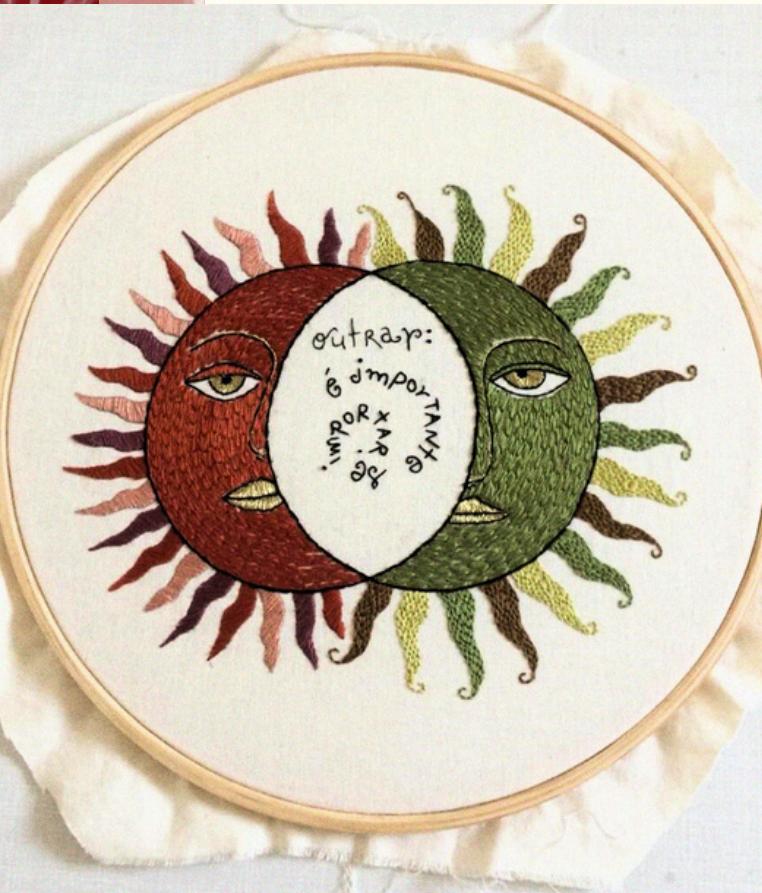
Mariana De Maria

@m.aria.demaria

Mariana De Maria é Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto e atualmente trabalha com formação continuada de professores na rede pública estadual de São Paulo. As reflexões em torno da História e da Literatura influenciam diretamente sua produção de colagens e poesias em um diálogo constante entre tempo, memória, nostalgia, esquecimento, acontecimento, restos e ruínas.

“A proposta aqui é pensar o narrar como um gesto, como um desvio que parte de paisagens e corpos em ruínas para acolher o inacabado, o resto, a lacuna.”



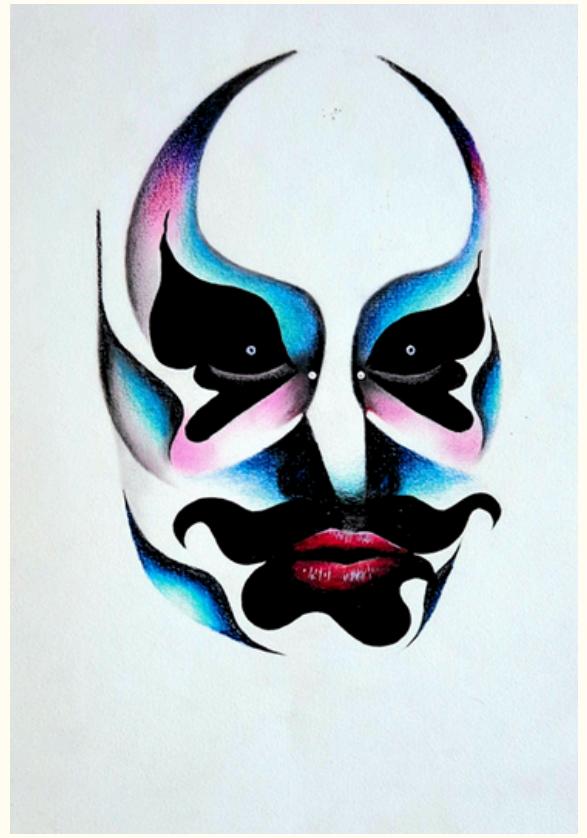


Maria das Nuvens

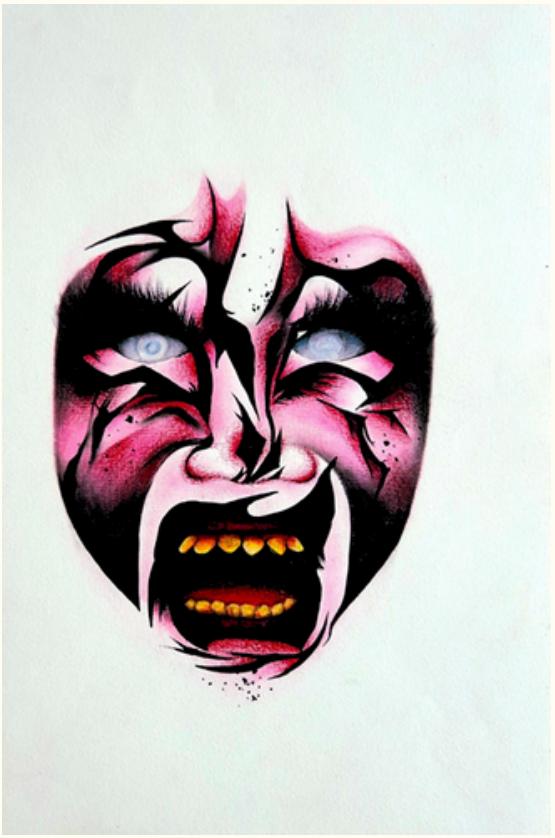
@maria.dasnuvens

Maria das Nuvens é artista têxtil e visual, figurinista, atriz e produtora cultural de Bezerros, PE. Se destacou em projetos como Mulheres de Argila e no teatro e cinema do Agreste. Atualmente cursa licenciatura em Artes Visuais na UFRPE e Design de Moda na Unifavip. Usa fios e tecidos como matéria principal para criar peças autorais através do fazer manual e amoroso. Em 2025 inaugura o Ateliê das Nuvens, um espaço Criativo que contará com eventos abertos ao público.

“O fio que uso para compor minha arte eu desenvolvo direto do meu novelo-coração.”



Lorena Falcão. Dahlia, 2023, Técnica mista, 21 X 30 cm.



Lorena Falcão. Hossi Terratoma, 2023, Técnica mista, 21 X 30 cm.



Lorena Falcão. Abhora, 2023, Técnica mista, 21 X 30 cm.

Lorena Falcão

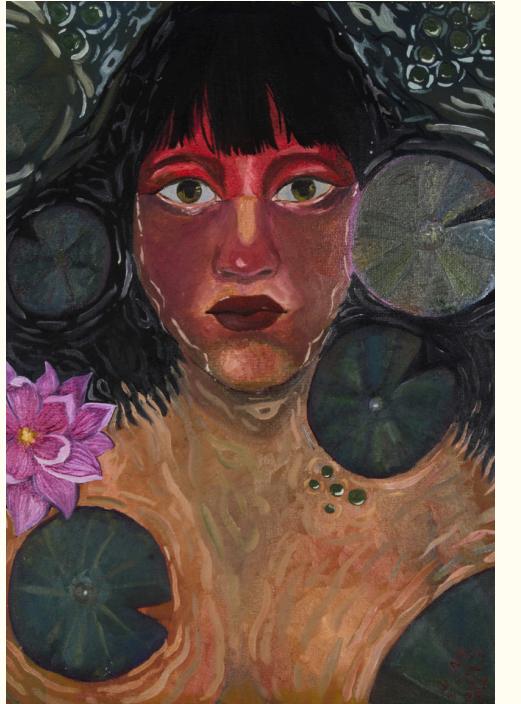
@lorenafalcaoob

Lorena Falcão é uma artista visual e designer trans com deficiência nascida em 2002 e residente do Recife. Está cursando a graduação em Artes Visuais - Bacharelado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Campus Recife. Já participou de duas exposições coletivas em instituições públicas (SESC-PE e IAC Benfica) e recebeu menção honrosa em salão de arte reciclada (FENEARTE). Pesquisa desde 2022 sobre pessoas com deficiência e acessibilidade em espaços artísticos.

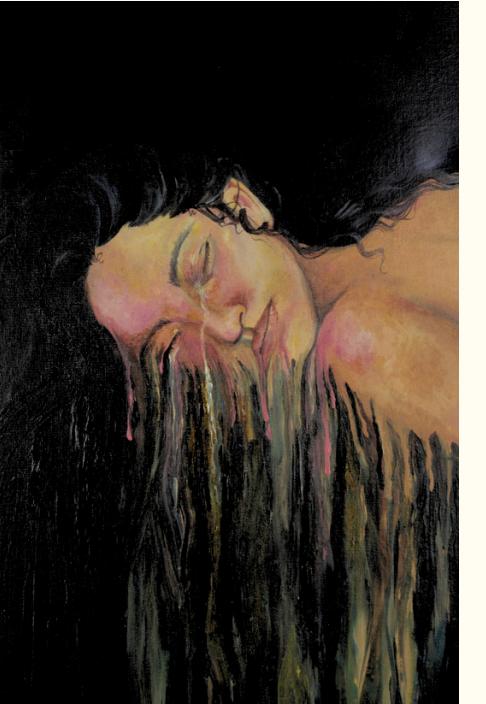
“Entende-se queer aquilo que é, perante a sociedade cis-heteronormativa, diferente e incompreendido. A arte drag é transformação queer, porém, dentro dela, existe uma modalidade cujo produto transmuta a própria arte, rompe a barreira do belo e gênero, resultando em puro signo: o horror queer. Este tríptico inédito de retratos em técnica mista é uma homenagem a drag monsters, que inspiram o trabalho da artista.”

Mashiro

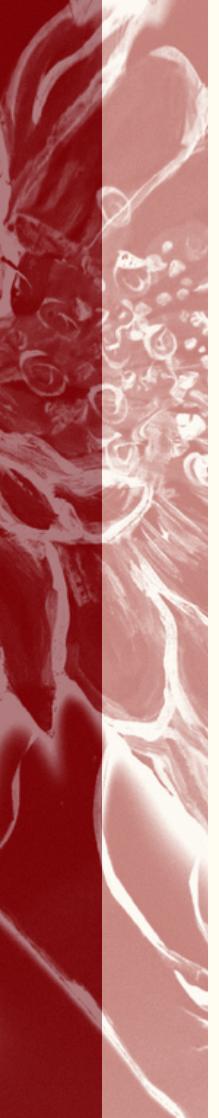
@linisilvaart



Vitória-Regia, 2023 Série: Lendas Amazônicas Técnica óleo sobre tela Dimensões: 35x 25 cm

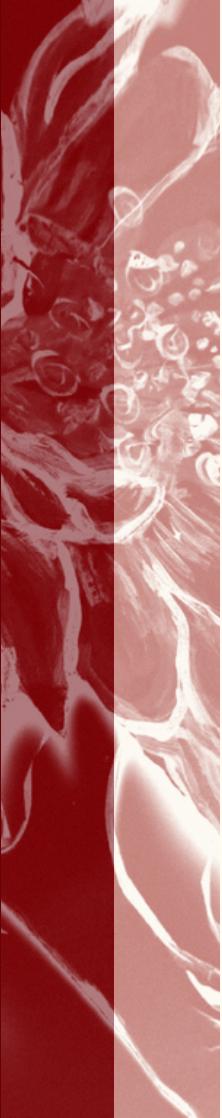
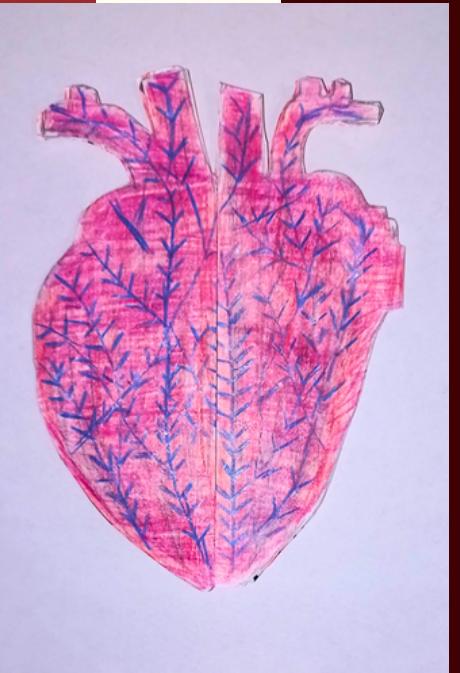


Consumida pela angústia, 2023 Série: Sofrimento Existencial Técnica: Acrílico sobre tela Dimensões: 50 x 30 cm



“Busco transmitir as experiências humanas e pensamentos filosóficos que tive ao longo de minha existência.”

Nascida em Belém do Pará, 1997, Mashiro (Aline S.F.), desde pequena é fascinada pela área das Artes e da Filosofia. Se formou em Filosofia e especializou em Música, atualmente Cursa Artes Visuais na Belas Artes de São Paulo. Sua jornada artística teve início em 2016 como autodidata através de diversas técnicas: aquarela, grafite, acrílico, óleo e escultura.



João Inácio

@inacio.d

Meu nome é Inácio de Carvalho, tenho 20 anos, sou natural do Agreste meridional. Estudo comunicação social na UFPE. Sou ENFP, temperamento melancólico, sou muito fã de arte visuais, fotografia, cinema, música e literatura.

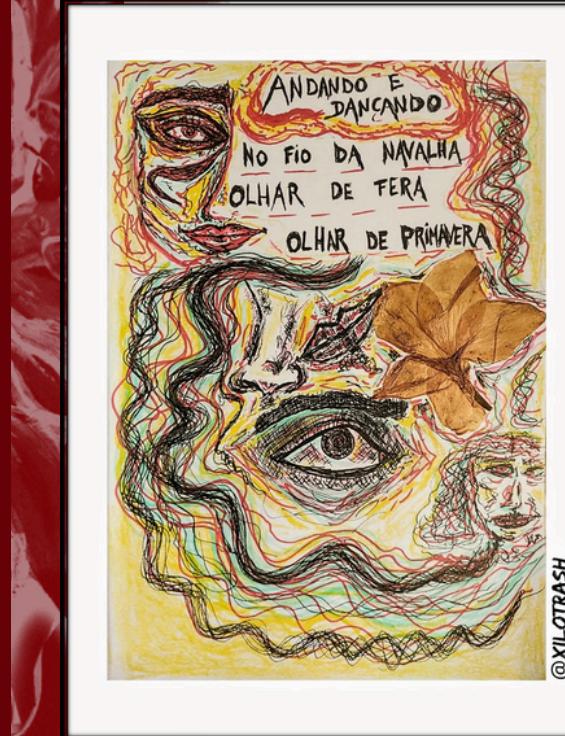
"Coração Aberto" é uma obra em que utiliza o símbolo das emoções (**Coração**) e ele aberto como uma forma de demonstrar vulnerabilidade e todos os anseios que podemos guardar. os fantasmas do "e se", as borboletas que se transformam dentro de nós, flores e seus espinhos. de coração aberto para não prender mais tudo aquilo."



12 de junho - Histérica (2024). Desenho em papel color plus, 90g, A4. Lápis de cor.



Chegou a Hora - Histérica
Desenho em Nanquim, tamanho A6.



Navalha - Histérica (2024)
Desenho em Namquim colorida,
papel Color Plus 90g.

Histérica

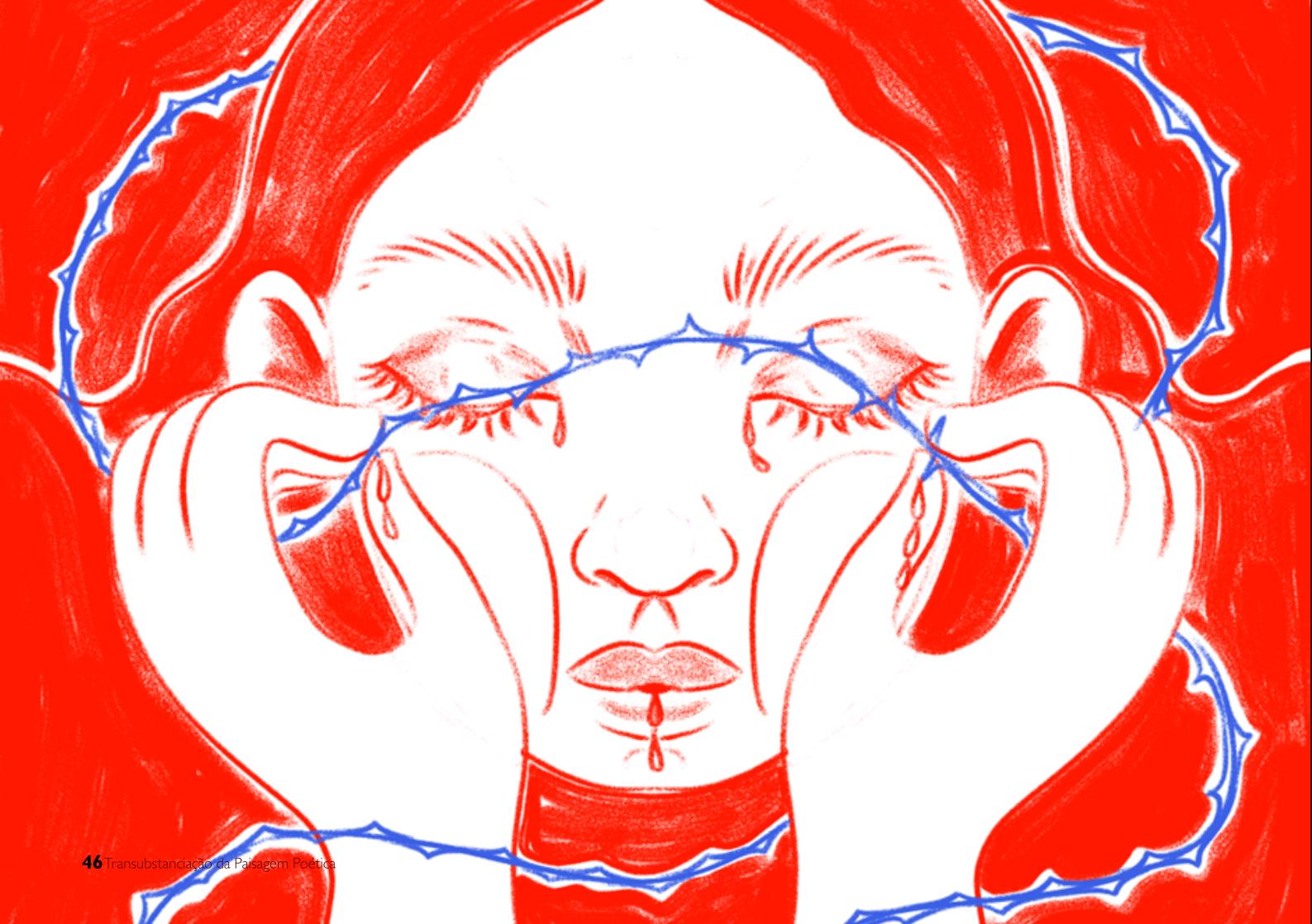
@criacoeshistericas / @xilotrash

Sou Histérica, socióloga de formação, professora e criadora da marca de encadernação artesanal: Criações Histéricas (2020) e do projeto Xilotrash (2024), com foco em ilustrações autorais e collagens manuais. Nasci em recife, mas moro em Caruaru-PE. A dor, a morte, o desejo e o amor são fundamentais em tudo que eu faço enquanto expressão. Os entrelugares, os intermédios e a sede de mudança, também me acompanham.

**“Ela esperava uma notícia certeira,
assertiva. Definitiva.**

**Não aquele telefonema, ridiculamente e
miseravelmente, fantasiado de esperança.**

**A moto chegou.
Michel me respondeu rapidamente,
enquanto minhas pernas
se contorciam desmoronar.
Sim, seuirmão morreu.”**



Pombo

@oipombo

Pombo é uma ilustradora e designer do Agreste pernambucano, desenvolve ilustrações e projetos gráficos para iniciativas culturais, é co-fundadora da Oficina Embuá (2020) e da Jardim Colab (2022). Seus projetos artísticos tomam inspiração do campo do subjetivo, retratam devaneios internos, seres brincantes e temas como delírio, sonho, tristeza e sinergia com a natureza.

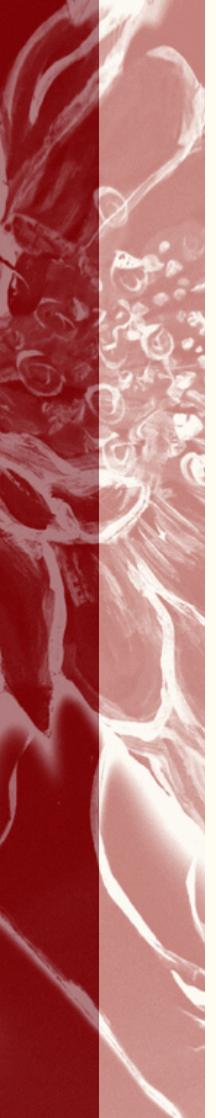
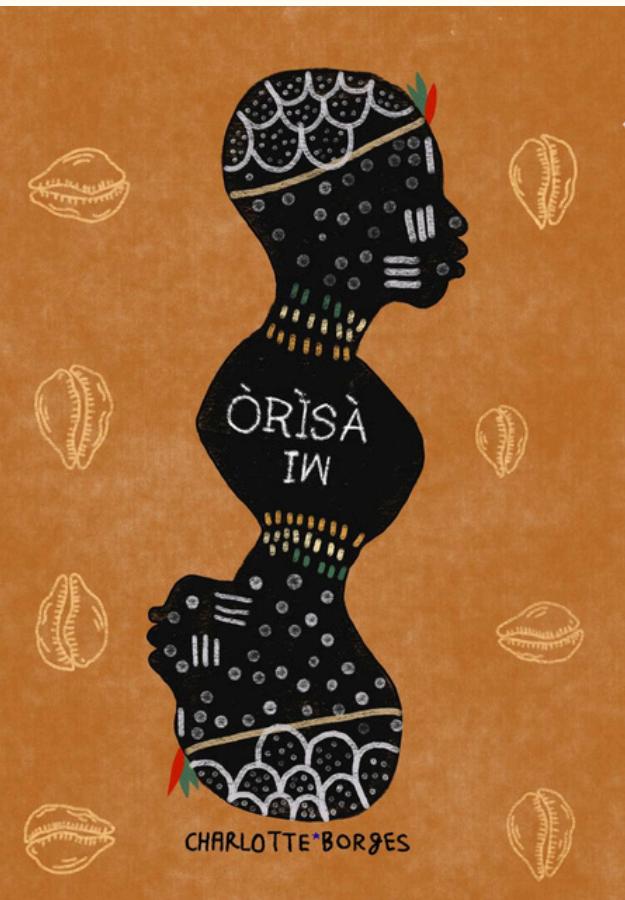
“Faz parte de um projeto maior, ainda não acabado, e trata-se de uma obra inédita, a primeira desse ano.”

Charlotte*Borges

@charlotteborgesart

Olá, eu sou Charlotte*Borges, tenho 29 anos, sou artista visual há 7 anos, de forma profissional. Jornalista pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), e mestranda em Comunicação programa de pós-graduação da mesma universidade, onde pesquiso sobre fotografia, raça e gênero. Minhas obras possuem narrativas autorais e as características principais dos meus trabalhos são cores vibrantes com foco na temática afro-brasileira e ancestral.

“Obra “Meu orí me guia” Ori é a divindade pessoal que, cultuada entre outras, é de fato a mais importante do panteão iorubá pois, seja qual for o empenho das outras divindades em favorecer determinada pessoa, todo e qualquer progresso dependerá sempre do que for sancionado por orí. Todos temos ipin orí, um destino por realizar, o que, no entanto, não significa que estejamos inteiramente determinados por forças alheias à nossa vontade.“





s e g u n d o a t o
a p a i s a g e m p o é t i c a
poemas curtos

O ar.

Ubertam Santos

Continue respirando, eu estarei aqui.

Ubertam Santos é um escritor natural do Rio Grande do Sul, nascido em 6 de Janeiro de 1987; autor do livro "Rabiscos poéticos", lançado em 2019 e participante de outras nove coletâneas. Em seu pensamento acredita que escrever é a maior liberdade que alguém pode ter.

Cobogós

Igor dos Santos Mota

algo abre as seteiras
pra dar passagem
ao sol que beira
os cobogós

vasta a vida
inunda o vazio
acende o brio
vaza a luz

fogem das cobertas
o frio o cabra os diabos
correm sem rumo espantados

fechando o livro
fivelando o estribo
fugindo de si
fugindo da cruz

*Igor dos Santos Mota [2000, Povoado de Bela Vista, Cansanção-BA] é professor, poeta, tradutor e doutorando em Artes, Humanidades e Educação, na Universidade de Derby. É autor dos livros *Gravar o Instinto* [com Danielle Tosta], *Meu pescoço cansado de seguir teu rastro* e *Se essa rua fosse minha*.*

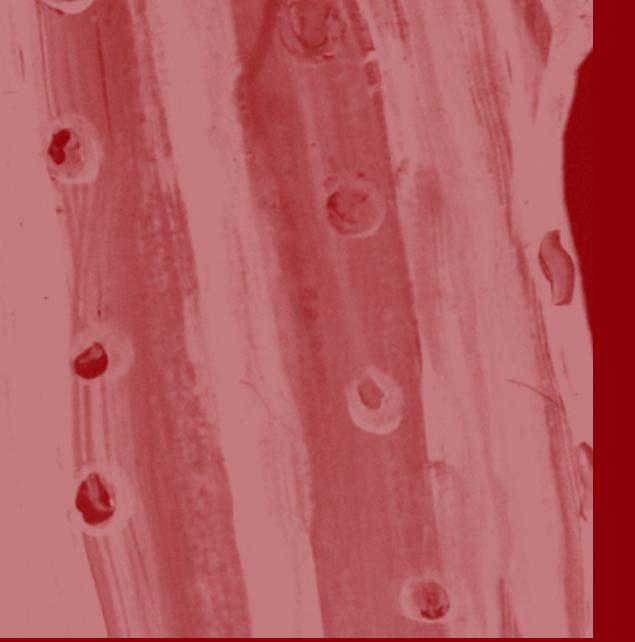


Miopia

Paulo Brás

Perco-me no abstrato
das belezas implícitas
da paisagem que me cerca.
uns me dizem que é a miopia
obstruindo-me os olhos
eu prefiro lhes dizer
que isso é a poesia
atravessando-me todo.

Paulo Brás é cantor, compositor, poeta, autor e graduando em Letras Português na UECE. Autor de *Filhos da Vida* e *Outros Poemas* (2021).



Multiartista, arquiteta, poeta e designer. Vive em Porto Alegre/RS. Transita pelas artes visuais, literatura, artes cênicas e música. Realizou 77 exposições individuais, 55 shows musicais no Brasil e exterior, publicou 70 livros, destes 20 individuais de poesia. Recebeu 17 prêmios. Desenvolve suas produções culturais e editoriais através da TERRITÓRIO DAS ARTES.



DESCOBERTO ÚNICA

Liana Timm Liana Timm

desejos	nunca tive data
são pleno paraíso	meu começo se deu nas
de segredos	dúvidas
inconfessos	jamais esclarecidas
da renúncia ao	assim meu renascer
constrangimento	é um filme de suspense
cuidar de si	com truques bem feitos
é um estado erótico	e outros desastres
incontido	

O verso tatuados em mim

Andreia Santos

Dias arrastados por poemas engavetados
Dias iluminados por poemas ilustrados
O que vês apenas letras?
Perdoo
Enxergo uma paisagem nada neutra
Palavra por palavra que espalhei,
mesmo juntando-as
Fitando-as
Flertando-as
São tudo ou nada de mim
Crio quadros quase surreais
Em ideias plásticas ou naturais



Natural de Caruaru, graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), especialista em Literatura e Estudos Culturais (UEPB), mestre e doutora em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB). Professora universitária. Autora de contos, crônicas em antologias e coletâneas. Autora do livro de contos: "As letras que deixei partir", (Minimalismos, 2024), de poesia: "Da pureza do sensível" (Caminhos Literários, 2025), Que venham as histórias: as palavra eu as tenho, ambos estão no prelo.

Vênus

Hidelbrando Albuquerque

Oh, mar afrodisíaco
Que com tuas espumas
Fecundação de Vênus
Banha corpus nus
Sentimentos nus
Eu e tu
Luz!



Hidelbrando Lino de Albuquerque, formado em Letras e Pedagogia; Especialização em Literatura e Estudos Culturais; mestre e doutorando em Educação Contemporânea. Membro-pesquisador d'O Imaginário. Professor. Quando escrevo, o desejo é que as letras pisem num chão de estrelas, pois prefiro os campos livres de toda tortura e submissão.

Poetisa, escritora Ana Lins autora de três livros de Poesias, membra da academia de letras AINTE membra da academia de letras imortais São Paulo.

Na janela.
Poetisa Lins

Por que a vida me castiga?
O que fiz, me diga!

Quero ouvir uma cantiga,
Nos sons de uma música antiga.

Quem sabe por que essa dor,
O que te fiz, pra tanto desamor ?
Ficarei aqui, dentro de casa,
Enquanto lá fora chora a menina casada.

O mundo é uma vidraça clara,
Que meu olhar embaça ,
Quero distância dessa trama,
De maldade, vaidade e drama.

Não sairei do meu abrigo,
Deixe-me aqui, longe do perigo.
A vida passa como a chuva fina,
E eu só observo essa rotina.

Resiliência da Natureza

José Jorge

*Na dança do vento, folhas a sussurrar,
Uma planta erguida, firme a lutar.
Entre pedras e sombras, busca a luz,
Na dor da jornada, sua força seduz.*

*Desabrocha em cores, flores a brilhar,
Um hino à vida que insiste em ficar.
Nos dias de tempestade, quando tudo parece escuro,
Lembre-se: há beleza mesmo no mais duro.*

*Sei que há momentos em que o peso é demais,
Mas dentro de você, há um brilho que traz.
Na fragilidade da vida, um poder imenso,
A cada queda e dor, renasce seu senso.*

Quando o mundo parecer pesado e sem cor,
Olhe para a natureza e sinta seu amor.
Ela te ensina que é preciso tentar,
Que mesmo nas sombras, podemos brilhar.

Erga-se com coragem, como a flor no chão,
Que brota da terra com força e paixão.
E nas lutas da vida, ao fim de cada dia,
Sorria para o sol: é a luz da sua alegria.



José é estudante, professor, aprendiz, amigo, irmão, filho, ouvinte, orientador, avaliador, pesquisador, leitor entre outras atribuições. Atualmente faz mestrado em Química com foco em produtos naturais, mas tem interesse de pesquisa na formação docente, em radiação ionizante, e na pesquisar por inseticidas naturais.

Nascente

Beatriz Bowles Vilela

*pense em um riacho que
ao se deparar com uma rocha
se parte em duas correntes.
cada uma segue seu rumo
e à medida que avançam
a água inquieta
anseia unir-se outra vez.
quando ambas as correntes se lançam
num desfiladeiro profundo
se fundem em um turbilhão
rompem as fronteiras
se entrelaçam.
o aguaceiro se torna um só rio
uma garganta insolente.
sou eu, o fluxo que renasce
e a poesia, a outra vertente.*

BEATRIZ BOWLES VILELA, 1986, Rio de Janeiro, Brasil. Escritora e tradutora. Autora do livro *Ousadia em Imagens* (ITS, 2012, Brasília). Recebeu Menção Honrosa pelo seu poema *voejo* no Festival de Poesia de Lisboa, em 2023. É uma das poetas selecionadas no Premio Voces Nuevas 2024, da Editora Torremozas, Espanha. Seus textos aparecem em diversas publicações, tanto no Brasil quanto na Europa. Mora em Barcelona desde 2015.

Deleite

Beatriz Bowles Vilela

*tens um leito de fogo
que nasce no peito e se expande
um calor suave que se aninha no pulmão
e se espalha pelo sangue é um murmurio.
acentua rabiscas apontas insistes
porque é um golpe duradouro em tuas entradas
um sussurro no instinto que se emancipa
se infiltra na ponta dos dedos é o arrepião.
cada assombro é uma descarga um vislumbre
no templo vivo das sensações
e flutua é fumaça suspensa
enquanto o gozo se enraiza
no mais
agudo
de
ti.*



Judi Olli nasceu em Bodocó (PE), no sertão nordestino e atualmente reside em Campo Verde, no interior de Mato Grosso. É professora de Língua Portuguesa e de Arte, além de mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (2019). Sua produção poética tem como um dos temas centrais as inquietações da existência. Os poemas questionam o Ser e suas angústias em se [des]cobrir.

Poema líquido Poética do cerrado

Judi Olli Judi Olli

Enquanto abria uma aba e outra, o poema
escorria pelos cantos
A imagem perfeita tal qual a aurora boreal (luz,
contraste, luz)
se desfez

O
intangível
[r]existir

em nós

ainda que ateie
ainda que queime
ainda que deixe
Morrer

Intacto no pensamento, completo, imaculado
Perdido entre um clique e outro (a incansável
pausa)

Era mais um poema sobre poema
Mais perfeito, claro
Perdido na fragmentação do desejo de controle

Aqueles que você visualiza como um corpo
externo

Maior que você, como se não fosse seu (muito
maior)

A expectativa da criação ri
O cursor ainda pisca
Inacabado

Nudez

Regiane Teixeira Marcos

Céu escuro, nuvens carregadas
Lá está ela, galhos firmes
Olho paralisada
Nem folhas, nem flores sua beleza exprime.

Em seu estado de nudez
Ela segue despida, sem vaidade
Em busca de lucidez
Incrédulo na sua alteridade

Sem sua armadura
Segue bela e indestrutível
Distribuindo força em cada envergadura
Mesmo escondida seria imperceptível

Ali se repousa
Para ressurgir em sua magnitude
Observo-a em êxtase
Aguardando sua plenitude

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade de Uberaba (2010), com diversas especializações nas áreas de Biologia, Química, Gestão Educacional e Inspeção Escolar. Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade Federal de Ouro Preto (2022). Professora e diretora com experiência em gestão escolar, ensino de ciências e participação em pesquisas acadêmicas e sociais. Atua como escritora e PEBCiências/Biologia na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais desde 2014 e PEBC Anos Iniciais na Prefeitura Municipal de Mariana desde de 2023.



Coração Cítrico

Manu Monteiro

Ácido
Indomável
Vibrante
Em batimento frenético
Vibra em melancolia da vida cotidiana
Deixou de amar
Amou demais
Volta se apaixonar pela simplicidade das coisas
Um coração adocicado
Amargurado
Ainda pulsa
Desacelera
Acelera dentro do peito

Mulher Preta, Psicóloga social e Clínica, redutora de danos, Multiartista, feminista, com publicações na revista Clandestina e Arrelique. Está publicando seu primeiro livro "Os rios que atravessam meu corpo negro" pela editora @Alumiálivros

As estações

Iteuane Casagrande

E então é primavera
E com ela se espera
Flores desabrochando
Colorindo todo canto, encantando.
Época de alegres jardins enfeitados
De borboletas coloridas voando
para todos os lados
De pessoas e sorrisos radiantes
Desfrutando dessa beleza
hipnotizante.
Verão, estação do calor,
Praia, sol e um bronzeado na cor,
Pés descalços na areia,
Curtindo o mar, sentindo-se sereia.
É lindo o dia ao amanhecer
Época boa para sair, curtir,
espairecer,
Reunir os amigos, risadas até
entardecer,
Clima quente que faz o coração
também aquecer.

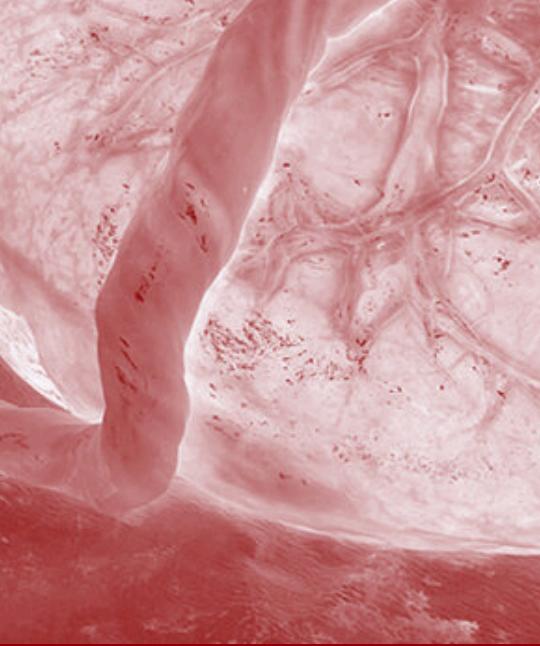
No outono as folhas vão caindo
Certa melancolia vem surgindo
E assim a natureza se renova,
Mas as folhas que caem trazem uma única certeza
É a natureza renovando- se, trazendo no futuro grande beleza.
Para alguns pode ser uma época triste,
Mas em toda mudança, algo de bom existe
As árvores ficam nuas, perdem sua viva cor
Mas é parte de um processo transformador.
O inverno chega e o que eu quero é me embrulhar num cobertor,
Quero um chocolate quente e o aconchego do meu amor.
Ah que delícia! Um dia bem frio e nebuloso
Bom para curtir um livro, um filme, ter o tempo ocioso.
E assim como as estações
São as nossas vidas, seguindo sempre com transformações
Mudamos nossas rotinas, nossos pensamentos, nossas emoções,
Cada dia pode ser diferente, só depende das nossas ações.

Iteuane Casagrande é natural de Castelo, Espírito Santo e agora vive em Berlim. Formada em pedagogia, participante de antologias com poemas e contos. Escreve desde a adolescência. Sua inspiração provém das pessoas com quem convive, dos momentos de saudade, das histórias que lê ou vive e de tudo aquilo que toca seu coração. Instagram:@entrepalavraserimas.iteuane

Entre campos e almas

Sílvia Henriques

Basta-me o silêncio de uma rosa...
nada vejo das janelas e miradouros.
Bastam-me os olhares sobre as searas
e as brisas que dançam ondulantes.
Longe, grita-me, em ondas, o mar
e as planícies revelam-me as montanhas
para que, mais alto, leve o olhar.
Basta-me o silêncio de uma rosa
ou de papoila em verde campo
para ser borboleta num poema.
Só não me basta a paisagem
que vejo em cada pessoa.
Sei que cada corpo e alma
canta uma própria canção
sobre o que traz o seu mundo
e o seu mar por desvendar,
onde se faz sozinho à vela,
meu barco emergente de poesia.



Nasceu em França, mas cresceu em Portugal. Escreveu os primeiros versos aos 12 ou 13 anos. À medida que foi crescendo, foi aprofundando o gosto pela poesia. Em 2023 e 2024, os seus poemas foram publicados na revista "Ofélia", volume II e III. Também publicou os seus versos na coletânea "Entre versos e flores" da Editora Fenixart e nas antologias "Liberdade" e "Cousa Amada" da Infinita.editorial.

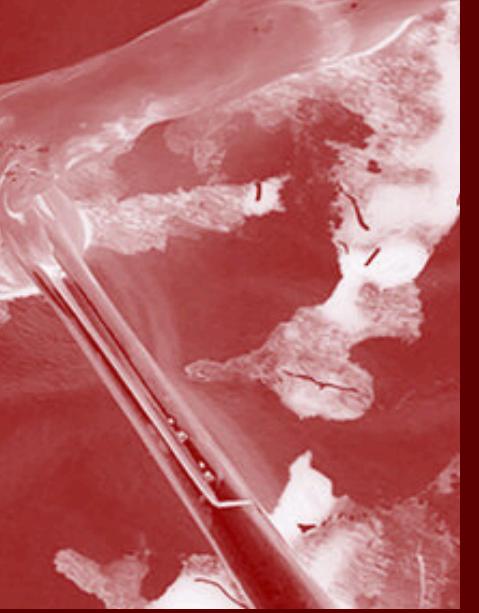
Endogamia

Lucas Perit

Esse pensar parente a si mesmo
mascarado sobre outras formas
se engana, segue exilado junto a mim
por mais um dia me sustém e erige a si mesmo em minha honra
capital de um império que nunca existiu.
Corrige todos os erros e cria outros mais
neste corpo feito para entrar
nesta boca feita para sair
com aquilo que já não pode mais não ser dito.
Palavra-catástrofe feita à medida do meu eu
há de encontrar um caminho arraigado naquilo já inscrito por ti.



São Paulo, 1985 – Poeta e tradutor. Escreveu alguns livros de história e fotografia. Publicou os livros de poemas: 38 Movimentos (Lumme Editor, 2018) e Cosmocorpo (Editora Urutau, 2022). Tem poemas publicados em algumas das principais revistas brasileiras, além de algumas revistas de Portugal, Espanha, Galícia, Colômbia, Peru e México.



Pedro Albuquerque nasceu em Aveiro (Portugal) em 1992 e, desde cedo, mostrou apetência para as artes. Antes de escrever, já ditava seus textos e, aos 6, com a entrada na escola, descobriu a poesia e a declamação. Mestre em Engenharia e Design de Produto, trabalhou vários anos na área até se virar para dentro e não mais largar os livros. Em 2022 lançou "ExTratos Dramáticos" e, imediatamente, começou a participar em Feiras do Livro, programas de rádio e televisão e a dar palestras em Universidades. Encontra-se a terminar o próximo livro.

PLENITUDE NANANINANÃO

Pedro Albuquerque Pedro Albuquerque

A poesia resume-se a isto:
Escrever por escrever
Silêncio Comer por comer
Entre as palavras Crer por crer
Que não preciso dizer-te. Menino
Viver por viver
Não vale.

Os sinos

Duda Junqueira

no meu grande sonho
estou apta e na praia
despida e destoada
sem canoas e sem notícias
sem medo nem ingratidão
sinto somente o mar o tempo
e essa dor nos ossos
ouço somente os sinos
acompanhados das gaivotas
na boca o sabor de graviola
uma luz inútil já terá entardecido
tomara que assim seja um bom jeito de
esperar
as palavras me alcançarem para eu poder
enfim
te dizer qualquer coisa de melhor
que isso

Duda Junqueira nasceu ao sol de Libra e é poeta, estudante de direito e dançarina de pole dance. Escreveu os livros de poesia "se uma árvore cai" (Patuá, 2022) e "nada mais será sagrado" (Nauta, 2024)

Fotografia

Duda Junqueira

eu, o cisne
planando na sua órbita
derramando a superfície
você, o galho
abissal na água
ramos inócuos
gotejando de sal
com nenhuma dor

Jane Pinheiro nasceu e mora no Recife. Artista Multimeios, Educadora, Escritora. Em suas formas de expressão navega pela escrita, fotografia, aquarela, videopoema e têxtil. Arte Contemporânea no Recife dos anos 1990, recebeu o prêmio de Melhor Ensaio no 45º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco 2002-2003. É possível ver um pouco da sua produção no site www.janepinheiro.com, no seu canal no YouTube: <https://www.youtube.com/c/janepinheiro>, ou no Instagram: @janepinheiro.



(sem título)

Jane Pinheiro

os vagões ficaram tanto tempo abandonados
que o mato deu de crescer por ali.

de início, ganhei uns trocados para capinar os assentos,
mas as raízes ganharam força e se desenvolveram em árvores.
as rodas deram pra pedras.

alguém sentenciou que o trem ia virar montanha.
o papagaio do meu avô aprendeu a se esconder entre folhagens e
ferragens.
de noite, errava o caminho de casa e gritava desesperado, vô, vô.
dizem que ele via assombração.
era helena que dizia.

helena nunca chegava nem perto do muro onde se escorava aquele
resquício de trem.
e ficava cismada que o papagaio trouxesse em seu rastro algum vulto.
na sala de jantar, o retrato de meu avô com a minha avó que se foi.
helena botava carne de gato no nosso prato, que era um modo de chamar
aquela carne
chamuscadinha no óleo, e todo mundo tentava esquecer esse assunto de
fantasmas.

Para esta casa

Jade Rossoni

Céu cinza

Jade Rossoni

Com paredes bem sólidas e tortas
Pisos gastos e quebrados
Altos andares
E tudo isso, em cada pedacinho de tijolo que há
aqui
Tem mais história do que posso ousar contra.
Hoje, você me parece estar feliz
E espero que sim!
Pois agora, aqui é o meu novo lar.
Uma terceira geração sendo sustentada pelas
mesmas paredes que, um dia, tiveram que levantar.
Então, querida casa,
Continue como está
Porque, mesmo que seus donos não a habitem mais,
Os moradores que aqui estão e seus instáveis
visitantes,
Precisam das memórias que estão em suas tortas
paredes sólidas e seus quebrados gastos pisos...

Eu vi o céu escurecer e cair bem diante dos meus
olhos
Mas eu não fui capaz de fazer nada a não ser
apenas observar
Eu perdi todos os meus sentidos,
O céu estava caindo e levava toda minha alma
naquela queda
E minha alma, que nem ao menos estendeu sua
mão para socorrer o céu aos prantos,
Foi levada terra abaixo sem saber por quanto
tempo ficaria soterrada...

Me chamo Jade, aprendi a arte de escrever ainda na escola, sempre
me encantei com aulas de redação e os poemas que minha bisavó
escrevia. Atualmente tenho o sonho de contar histórias em forma de
poemas e, quem sabe até chegar a um livro? Acredito que o mundo
torna-se bem mais leve quando vemos a vida através de misteriosas
palavras...

Paradoxo

Priscila trindade

O futuro perde o rumo,
Na estrada sem caminho.
Tudo fica meio escuro,
No percurso do destino.

Na razão desse meu ser,
Eu procuro só respostas.
Tudo claro a meu ver,
Poesia como história.

Sabotagem do querer,
Pode ser assim de vez?
Vou moldando o desalinho,
Mudar da água para o vinho.



E sem medo vou em frente,
Busco rumo ou consolo.
Perco freio e vou de vez,
Já não temo o desconforto.

Finalizo esse poema,
Com todas as minhas armas.
Não existe mais desculpa,
Vou seguindo a minha busca.

Priscila Trindade de Aguiar é terapeuta e enfermeira, formada pela Faculdade de Ciências Médicas Santa Casa de São Paulo. Nascida na capital de São Paulo, em 1984. Atualmente trabalha com terapias integrativas e práticas de autoconhecimento. É uma apreciadora da arte e escrita em sua totalidade.

Impulsos ao fim

Fernanda Luiza

Sinto que te preciso e tenho feito feitiço
pra te ter perto de novo
Nessa época do ano contagia a alegria
do meu povo
E é como magia essa perdição que tenta
me puxar para fora.
Espero, te espero, e você não vem
Aos suspiros, resignifico porém,
a sua ausência
E me vejo brilhar de novo
Apesar da mandinga
Tenho eu mesma me enchido de encanto
Venho adormecendo devaneando
Com você
Entre sorrisos, entre prantos
Mas sempre descrente
Às vezes meio só
E eu já espero que não volte.

Neves de Espirituosidade

Fernanda Luiza

Aos tropeços eu vou caminhando
de bolso vazio e cabeça rodando
Quando os fogos anunciam o início da vida de novo
E a paisagem se mistura às minhas memórias
E me comovo
satisfeta com o meu ontem.
Quando senti sobre mim seu olhar sorridente e ornado de graça
E sua pele dourada com um brilho acentuado
que me chamava para perto, pro outro lado
o mais santo
O lado em que me deixei seduzir por todo aquele encanto.

Meu nome é Fernanda Luiza Viana Ferreira, e eu sou uma jovem negra carioca de 16 anos. Sou cria da Maré, estudante de alemão, e além de poeta, também sou mediadora de leitura e palestrante.

(sem título) (sem título)

Vitória Cavalcanti Vitória Cavalcanti

quele silêncio olhar para ele era como observar um
quando pousei aglomerado estelar
meus olhos sobre esplêndido
aquela figura cativante
o tempo passou a arrebatador
arrastar-se
porque era ele ali com aquela aura
misteriosa e ainda assim
ainda assim reconfortante
e de todos os sorrisos que observei, o seu era o mais lindo

Me chamo Vitória de Jesus Leandro Cavalcanti, sou graduanda do curso de Licenciatura em Dança pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Escritora com uma habilidade inata de falar pelos cotovelos, apaixonada por plantas e iludida com personagens fictícios nas horas vagas. Dorameira, amante de rock, café, gatos e basquete.

(sem título)

Jacqueline de Campos

há essa montanha na gaveta crescendo comigo mudas sobre a paisagem, veja:
estamos erodindo névoa, grão, choro de um deus perdido,
tudo isso fomos um dia ilha maior que a Terra infância maior que a vida
há essa inundação diária, o mar invade a casa,
te fita, antigo, de inédito brilho
áí vem o dilúvio: não dos céus
nós é que transbordamos, e afogamos bichos
planícies depressões ecos de eus que
já não somos

Jacqueline de Campos Nascimento nasceu em 1997, em Biguaçu, Santa Catarina. É poeta, prosadora e editora de livros. Instagram: @nuverbocru.



Alternativa

Elidiomar Ribeiro

Contemplo pela janela uma vida que não vivi
Eu gosto dessa vida

Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo, mestre e doutor pela UF RJ. Professor e pesquisador da UNIRIO, desenvolve projetos de pesquisa e extensão relacionados à zoologia cultural.

Onde estão os vagalumes?

Elidiomar Ribeiro

Parei para pensar nos vagalumes
Estrelas baixas ao alcance das mãos
Brilhos volantes das paisagens noturnas
Há quanto tempo não os vejo?
Tenho que parar para calcular
Contar anos, quem sabe décadas
O mundo vai esquecer que existem
vagalumes
E quando forem esquecidos de fato
A vida se tornará mais triste

Uma aprendizagem

Rafael Salles

Parado no mundo tenho escrito meu penar.
Pastiche de sonhos perdidos ao léu,
naufragado entre máscaras e pedregulhos ilusórios.
Se a vida é só uma,
onde posso deixar meu coração sangrado antes de partir?
Não lembro da última vez que consegui chorar.
Outro dia lembrei da última vez que minha mãe me levantou a mão
e apontou o dedo no meu rosto.
Deixei os restos voarem pela janela,
o luto dissipou-se no ar que a chuva trazia;
faz-se noite entre as melodias,
cantos bachianos que ecoam entre as penumbras.
Olhares em desencontros,
suor gelado que quase entra nas veias,
ranger de dentes em sinfonia,
arritmias em desalinho.
A desilusão roda na vitrola,
o desamor transborda a taça.
Viver é a certeza de nunca, nunca morrer.

Rafael Guillermo Salles é multiartista; professor, poeta, pintor, fotógrafo, cineasta e ator radicado em Recife, Pernambuco. Explora em seu trabalho suas vivências enquanto homem trans e sua jornada desde que entendeu-se como corpo fora da cisgênero-normatividade, sabendo através de seus trabalhos a dor e a delícia de ser o que é. Licenciando em Letras Português-Inglês pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

Claridades de dentro Pra ti

Ser Imenso Ser Imenso

Pela tarde se caminha
Um céu que regozija um olhar
Nuvens que se dissipam
Como as vidas
Que estão a passar
Em banco de praça
Fenece a agonia do dia
Vento, ar, folhas
Enérgica, florida, inteira
A calma rara, a calma solta
São despejos de si mesmo
São claridades de dentro
Que só se encontram lá fora.

Jefferson Sobral (Ser Imenso) é Designer por formação. Utiliza da palavra poética e arte visual para expressar suas vivências, através de recursos como audiovisuais e intervenções urbanas.

(sem título)
Eduardo Silva

I

Chamego meu,
Me deixa te mostrar
Que a beleza do céu
Se apequena diante
Desse teu olhar.

Meu nome é Eduardo Silva, eu tenho 21 anos e escrevo desde os 15 anos. Sempre estive em contato com a poesia desde a infância ouvindo os cantadores de repente que minha avó sempre colocava para ouvir e com isso apenas foi aumentando com o tempo a minha paixão pela poesia e o encanto por também escrever.

(sem título)
Edurado Silva

II

Na beleza da lua que cativa
Enxergo apenas o teu semblante.
Do brilho das estrelas que cintilam
É dos teus olhos que sou amante.

Desejo o vago céu da tua boca
Na ânsia louca de te beijar.

No olhar farto em que te observo
Digo o que quero sem nada dizer-te.
És dona do sentimento ao qual sou servo
E da vontade que sinto em querer-te.

A praia O mar é o infinito da Terra

Lúcia Centeno Lúcia Centeno

Meu corpo é água contida
Minha alma é água corrente
&
Quando eu mergulhar
As ondas guiarão os sonhos
Do tempo em que esperei na areia

Para as contradições de ser
Há mar em cada alma
Amar
Nas ondas de caos
Amar
Nas cheias de calma

A quarta parede

Lúcia Centeno

~ nada
nunca haverá o certo
e tudo o que liberta na Realidade
põe abaixo essas expectativas
muradas
por um Per
~~~~~ feito de concreto.

Sou jornalista pela ESPM, pós-graduanda em Literatura Brasileira pela UFRGS e escritora por conta própria. Publico um pouco do que faço (e mostro muito do que me inspira) no meu @megerabovary, cuja administração está por conta de algum dos seis gatos que tenho em casa.



## El Jardim

Emanuella Forte

Nem só de vôo se faz um pássaro  
Migração...  
Espalhar as flores (Ninguém vê)  
Como não sonhar a Primavera?!  
Partindo  
Repartindo  
Para não caber.  
Pra caber mais em mim  
Atravessar o vale  
Quantas vezes for preciso!  
Retornar...  
{El Jardim}

Reinventar-se, é um alívio!

Emanuella Forte é uma compositora, cantora e poeta brasileira. Seus temas trabalham com questões existenciais, como o sentido da vida e da morte, passando por questões cotidianas.

Vergado!

## Agradecimentos

REVISTA JUMTOS  
CASA CLANDESTINA  
REC DE FILMES  
REVISTA SUCURU  
GNEFIL



contatos  
E-mail | [revistaescritodescrito@gmail.com](mailto:revistaescritodescrito@gmail.com)  
(81)99455-9247  
[@revistaescritodescrito](https://www.instagram.com/revistaescritodescrito)



Revista  
**Jumtos**

clandestina  
uma casa de psicanálise,  
literatura & outras artes



**REVISTA ESCRITO &  
DESCRITO**

Editorial No. 1, Vol. 2

Linguagens e artes visuais